

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 26\$000 e 13\$000 — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

A empresa do ALBUM declara que não autorizou ninguém a vender numeros avulsos d'este periodico por mais de 500 rs. cada um, e, protestando contra quaesquer abusos que se deram ou se derem n'esse sentido, reserva-se o direito de usar contra elles dos mais energicos meios de repressão.

SUMMARIO

| | |
|---------------------------------------|-----------------------|
| DR. ALFREDO MADUREIRA. | Arthur Azevedo. |
| CHRONICA FLUMINENSE | A. |
| O DELICTO DO PADRE. | Arinos Pimentel. |
| ACCORDE FINAL | Bento Ernesto Junior. |
| AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO . | Alfredo Bastos. |
| O JACOBINO. | Gavroche. |
| THEATROS. | X. Y. Z. |

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

CORONEL JOAQUIM LACERDA

ALFREDO MADUREIRA

Este é um dos mais sinceros e leaes servidores da Republica Brasileira, um republicano que o é desde que chegou á idade da rasão.

Nasceu Alfredo de Barros Madureira na cidade de Nictheroy, capital da então provincia do Rio de Janeiro, aos 10 de Julho de 1861. E' filho legitimo do honrado dezembargador Justiniano Baptista Madureira, hoje aposentado.

Fez os seus estudos preparatorios nos conceituados collegios Abilio e Aquino, d'esta capital, e em 1882 matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo. Formou-se em 1886.

No anno seguinte casou-se com D. Maria Ferreira Pinto, que ultimamente falleceu sem descendencia.

Logo depois de formado, Alfredo Madureira abriu escriptorio de advocacia n'esta cidade, e durante o periodo de 1887 a 1888 quasi exclusivamente se occupou, como advogado, da libertação de captivos. Já na Academia havia pertencido ao grupo dos estudantes abolicionistas, esforçando-se valentemente pela grande causa libertadora.

Parente chegado e amigo intimo do coronel Senna Madureira, de saudosa memoria, acompanhou de perto a questão militar, e n'ella se envolveu, porque — espirito sagaz e avisado — vio ahi uma brecha aberta ao successo do seu ideal politico.

O seu escriptorio de advogado, estabelecido na rua do Carmo n. 38, foi sempre o ponto de reunião dos militares durante aquelle periodo de effervescencia.

Embora trabalhando na sombra, tomou parte activa na celebre questão Leite Lobo e na do 17º batalhão.

Em Julho de 1889, ligado a Sampaio Ferraz e a Chagas Lobato, fundou o *Correio do Povo*, folha em que empregou de muito bom grado toda a sua actividade, sacrificando, ao mesmo tempo, uma boa parte de sua fortuna pessoal.

N'essa honrosa tribuna popular foi encontral-o o movimento decisivo, que poz por terra o throno imperial. Escusado é lembrar que Alfredo Madureira foi um dos cabeças da revolução.

Proclamada a Republica, o nosso biographado recusou diversos cargos importantes que lhe foram offerecidos por Deodoro da Fonseca—entre elles o de chefe de policia do Rio Grande do Sul,—porque entendia que o seu posto de honra continuava a ser na redacção do *Correio do Povo*, onde tinha ainda muito que fazer

Tornando-se, como todos os verdadeiros republicanos, adversario intransigente do governo de Deodoro, trabalhou alertamente contra a eleição do honesto mas illudido marechal, e no Congresso—aonde se dirigio de alcateia com alguns correligionarios, todos armados e promptos para a luta—deu vivas a Prudente de Moraes.

Pouco depois, por ocasião do famoso assalto á *Tribuna Liberal*, achando-se ainda na redacção do *Correio do Povo* e sabendo que o seu jornal ia ser também atacado, forneceu armas a todo o pessoal da filha, e esperou o ataque, recusando a protecção que lhe offerecia a policia, sabe Deus com que intenções.

Por ocasião do golpe de estado de 3 de Novembro, tão franca foi a sua opposição e tanto e tão imprudentemente se expoz, que o seu nome figurou na lista dos cidadãos que deviam ser presos. Só escapou graças a uma communicacão amistosa que recebeu.

Ainda assim, continuou a trabalhar contra a odiosa dictadura que opprimia a nossa Patria, e foi um dos cooperadores da revolução de 23 de Novembro.

Dias depois, em 10 de Dezembro de 1891, aclamaram-no chefe de policia do Estado do Rio de Janeiro, cargo que exerceu até Março do anno seguinte.

Assistio pessoalmente á tomada das fortalezas do Pico e de Santa Cruz ao sargento Silvino, em 19 de Janeiro de 1892, e foi quem primeiro, e apenas com oitenta homens, guarneceu as entradas da cidade, o que lhe valeu ser citado em ordem do dia do general Enéas Galvão, commandante em chefe das forças legaes.

Além de outras diligencias importantes, fez a de Santa Rita da Floresta, onde trabalhou cinco dias sem descanso e conseguiu prender desenove criminosos.

Deixou o cargo de chefe de policia do Rio de Janeiro por solicitar a dissolução do regimento policial, e não ser attendido. O tempo deu-lhe razão. Mezes depois, o regimento revoltava-se contra o governo do Estado, e era então dissolvido!

Logo que teve noticia da revolta do regimento, e quando as forças federaes se achavam ainda em S. Domingos, Alfredo Madureira, que desde a sua demissão se conservava inteiramente alheio á politica do Rio de Janeiro, partio para Nictheroy em companhia de Tranquedo Soares de Sousa, Manoel Benício e Ricardo Barbosa, e effectuou alli a prisão de muitos dos soldados rebeldes.

Em Maio seguinte, o Dr. Alberto Torres entregou-lhe, em reunião publica, a chefia de Nictheroy, — e as eleições do anno passado fizeram-no deputado ao Congresso do Rio de Janeiro.

Quando rebentou a revolta de 6 de Setembro, Alfredo Madureira immediatamente se offereceu para defender a legalidade, e acompanhou as primeiras forças que marcharam para Nictheroy, levando consigo armamentos e munições que foram confiados á sua guarda pelo vice-presidente da Republica.

Não sabio da sua cidade natal durante todo o longo tempo em que a vio dia e noite bombardeada pelos revoltosos; andava por toda a parte, animando uns, consolando outros, e, por occasião de muitos combates, foi visto nas fortificações, cheio de enthusiasmo e denodo.

O governo federal agradeceu tão valiosos serviços dando-lhe honras de coronel do exercito.

Alfredo Madureira teria hoje o logar que lhe compete no Congresso Nacional, se, organizada a ultima chapa de deputados pelo Rio de Janeiro, elle proprio, contando com a sua eleição na Capital Federal, não pedisse a suppressão do seu nome em favor de correligionarios que no seu entender não deviam deixar de ser eleitos. Foi um sacrificio a que o arrastaram deslealmente...

Não posso terminar o esboço biographico de Alfredo Madureira sem me referir á sua inexcedivel bondade. Não conheço nenhum homem que mais do que elle se compraza na pratica do bem.

Eu sou um attestado vivo da excellencia do seu coração: devo-lhe um favor, espontaneamente prestado, que nunca lhe pagarei por não haver moeda que o pague. Este escripto não me sahio talvez bastante encomiastico, porque me considero suspeito.

ARTHUR AZEVEDO.

CHRONICA FLUMINENSE

Isto não é precisamente uma chronica: são tres apertos de mão.

Vão ver:

*

O Belmiro de Almeida, um dos nossos mais apreciados pintores, expoz, durante alguns dias, n'uma sala da Escola Nacional de Bellas-Artes, vinte e sete quadros e estudos, seus ultimos trabalhos, feitos ainda na Italia, em 1892 e 1893.

A exposição foi extraordinariamente visitada, e ao nosso artista não faltaram congratulações e applausos.

Entre as télas expostas algumas denotam singular talento, e nenhuma deixa de interessar, quer pelo assumpto, sempre bem observado, quer pela execução. O Belmiro, que está senhor da technica de sua arte, com esta exposição ficou definitivamente consagrado no nosso pequenino meio artistico.

Eu, que o acompanho desde os seus primeiros ensaios na pintura, e fui um dos primeiros que o saudaram depois d'aquella brilhante revelação dos *Arrufos*, aperto-lhe a mão que ainda nos dará, sem duvida, muitos primores.

*

Esse é o primeiro aperto de mão.

O segundo é para o venerando e illustre padre Cerrêa de Almeida, prestimoso collaborador do *Album*, pela publicação, feita ha dias, do seu decimo terceiro livro de versos.

Decrepitude metromaniaca intitulou-o a excessiva modestia do poeta. O padre Corrêa é um septuagenario; entretanto, a musa brincalhona e faceta dos primeiros annos ainda o não abandonou. Sente-se apenas um pouco de rabugice nos seus versos quando lh'os inspira a politica. Durante a revolta a sua musa, que, apesar de travessa, tem o máo gosto de ser sebastianista, só uma coisa enxergou digna de louvor: o silencio do *Jornal do Commercio!*

Os versos d'este volume, como os dos outros dose do mesmo autor, primam, além de tudo, não só pela excellente metrificacão como pela vernaculidade. Vê-se que o velho poeta mineiro já lia Horacio quando começou a escrever em lingua portugueza.

*

O terceiro aperto de mão é para Manoel da Rocha, — o Rochinha —, que acaba de dar-nos uma agradavel *Noticia*, — folha vespertina, interessante, moderna, sympathica, leve, bem feita, com um feitiço especial, uma physionomia sua, o que é extraordinario nesta terra onde tudo se imita, inclusive o *Eu era assim* do pharmaceutico Prado.

*

E já a ora a propria *Noticia* me fornecerá o *mot de la fin*:

A scena passa-se n'um bondinho do Carceller.

Sentado no banco da frente vae um sujeito lendo o primeiro numero da folha do Rochinha. Leva entre as pernas um menino

Este, que não está um segundo quieto, faz um gesto cem o braço e rasga a folha.

— Oh! meu filhinho! que fizeste! Rasgaste um jornal interessante que papai estava lendo com tanto prazer!

Acode um passageiro do banco immediato:

— Que boa *Noticia* para o pae da crianca!

A.

O DELICTO DO PADRE

A ARTHUR AZEVEDO

Parecia que a natureza dava exemplo ao mundo do dia da Paixão, sumindo o sol e garoando o espaço.

As ruas cobriam-se de uma lama visgosa e negra, reflectindo nas poças frequentes a sombra das elevadas casas que marginavam a via, placidas e enfumaçadas.

Em romaria penosa passavam alas de fieis sob guarda-chuvas abertos: os homens com sapatos de solas de madeira, toc-tocando no lagedo, e as mu-

lheres de botins finos, agazalhadas em mantilhas pretas, aos pulinhos de pedra em pedra, evitando os enxurros.

Reinava na cidade um silencio quasi absoluto, quebrado subtil e monotonamente pelo cahir do chuvisco e o falar cauteloso do povo; lá de vez em quando ouvia-se um riso mais ou menos forte, contido a tempo, pois que no dia do padecer de Christo não é dado á gente mostrar-se alegre.

Os cucos das lojas, melancolicos como aquelle dia, annunciavam as tres horas, e os devotos, descendo dos carris sujos e ronceiros, dividiam-se pelas egrejas suas predilectas para o lavapés e as ceremonias sacras da occasião.

N'essa hora, quando os templos regorgitavam de povo constricto, de olhos perdidos na meia-treva, sem uma harmonia para alegrar a alma, nem uma luz para alumiar a vista; quando os sacerdotes de vestes alvas e douradas moviam-se confusamente no altar mór, psalmodiando umas orações ainda mais confusas, que os fieis não comprehendiam, mas respeitavam por sabel-as dirigidas a Deus, para a sua gloria e perpetuação da lenda; quando, na sacristia da igreja do Sacramento, o mestre de ceremonias ordenava a um dos seus ajudantes que despisse a sobrepeliz e fosse a Catumby saber do Sr. padre Góes porque se demorava, visto como o pregador devia já se achar para o sermão de lagrimas a pronunciar-se ás Ave-Maria—n'essa hora, o Sr. padre Góes na sala de jantar de sua casa, em trages quasi menores, meditava profundamente com os cotovellos fincados na mesa e a cabeça immergida nas mãos.

Esse meditar durava já longo tempo; prestes, porém, o sacerdote levantou-se e, de mãos cruzadas ás costas, poz-se a andar de um lado para o outro, nervoso, pronunciando palavras incoherentes:

— Ah! Ignez! Ignez! foges-me? pois bem, matar-te-ei!...

E, largando as mãos, parava para amarrar as fitas da ceroula ainda soltas, suspendia as meias de seda roxa, compondo as fivellas de prata dos seus sapatos de polimento.

E com a voz suffocada por soluços repetia:

— Ah! Ignez! como me fazes soffrer!

E um gesto de desanimo completava a phrase.

Devia ser um bello homem o padre Góes quando o pezar não transfigurasse as linhas do seu rosto alvo, escanhado de fresco, com ligeira vermelhidão nas maçans. A sua frente, se não se apresentasse tão franzida, deixaria ver como era espaçosa, de entradas visiveis e grandes, parecendo topar com a corôa lusidia e cuidadosamente modelada.

Fazia dó vel-o ranger, com risco de quebral-a, a fileira alvissima e sem falha dos seus dentes, e os olhos rasgados, de um negro tinto, azulavam-se nas chispações de um desespero atroz.

Continuava elle o passeio agitado, movendo sem calculo as pernas nervosas e bem feitas, a destacar na pequena sala a sua elevada estatura, sem a obesidade proverbial dos ecclesiasticos.

Todo o sobrado estremecia ao pisar forte do padre Góes que afinal parou, e pela decima vez, abrindo uma carta sobre a mesa, leu em voz alta :

« Meu pae. Perdoa-me, sim? Não posso mais supportar a existencia dolorosa que me foi imposta pela fatalidade. Amas-me, bem o sinto, e tambem eu te amo; horrorisa-me, comtudo, a condição de concubina de padre. A visinhança já diz que somos amantes, que sacrilegio! Não conhecem o teu character e comprehensão de deveres! Culpemos a lei da egreja que tão desgraçados nos faz. Como eu seria a desvellada companheira de um virtuoso pastor, se isto fosse legal... Concubina, nunca! Antes morrer... Perdoa-me, sim? — Tua filha grata, *Ignez.* »

— Valeu bem a pena, monologou amargamente o padre, ter te acolhido miseravel criança engeitada e enferma; valeu bem a pena affeição-me por ti, amar-te, para agora vibrares este golpe doloroso para um coração de pae e... apaixonado, ajuntou elle com voz abafada.

Soluços entrecortados acudiram, e aquelle homem, que todos julgariam um estoico, dobrou a cerviz á á dor.

Assim se passaram alguns minutos; após, bateram tres argoladas na portada rua, e Góes, levantando a cabeça, interrogou em torno o que viera arrancar-o do seu espasmo doloroso.

Novas argoladas orientaram-n'o, e o padre Góes, entrando na alcova proxima, tirou do cabide a sua batina, envervou-a sobre uma camisa finissima de cambraia, ajustando ao pescoço o collarinho fechado. Compoz a physionomia, e sério, grave, de olhos vermelhos pelo pranto, guardou a carta de sua pupilla no bolso da batina, desceu as escadas, abrindo a porta da rua ainda fechada, apesar da hora:

— Que é? perguntou, com a mão no trinco.

O sacristão, apparecendo na porta entre aberta, respondeu:

— Sr. padre Góes, eu venho a mandado do mestre de ceremonias saber de V. Revm. se não vae pregar, conforme foi annuciado.

— Já vou, radarguio elle; n'este momento dirigia-me para a egreja.

— Se V. Revm. quizer, poderá utilizar-se do carro que lhe trouxe.

— Aceito, disse o padre; espere um pouco por mim...

E, subindo, tirou de sobre a commoda, na alcova, o seu chapéo de ecclesiastico, cerrou as janellas, desceu de novo, e, entrando na carruagem, mandou tocar para a egreja do Sacramento.

Agora, emquanto o nosso heróe entra para a sacristia, encontrando toda a gente anciosa por elle, pois que se approximava a hora do sermão, vamos contar o que conhecemos da vida d'esse homem, que acaba de ser recolhido ao Hospicio de Alienados, depois de uma tentativa de assassinato.

José de Azevedo Góes era oriundo de familia pobre, estabelecida ha muito tempo na cidade de Lorena. Desde os seus primeiros annos manifestára uma rara intelligencia, e no collegio onde foi instruir-se, dirigido por um sacerdote, distinguira-se dos seus companheiros pelo talento e applicação ao estudo. O professor, homem illustrado vio no seu discipulo um rapaz aproveitavel, e procurou fazer d'elle alguma coisa.

O caso é que o nosso heróe. depois de ter concluido os estudos preliminares, a despeito da repugnancia sua e de seus parentes, matriculou-se no seminario de S. José para seguir a carreira de padre. O seu protector assim desejava, e dividas de gratidão sobrecarregavam extraordinariamente toda a familia para contrariar-o.

Foi aqui, na capital, que o padre Góes — n'esse tempo um seminarista de vinte annos de idade — vio, ao entrar para o seminario, sobre as lages humidas e esverdeadas do adro, uma criança, chorando, envolvida frouxamente em baetas.

Góes não se esquecia do *Venite, parvulos, venite ad me*, e, levantando a criança, que quasi roxa se desfazia em suas mãos, subio ao Castello e ahi, na primeira estalagem, entregou a recém-nascida a uma ama, para ser criada á custa d'elle.

Desde então todas as semanas subia até o alto da ladeira, afim de ver a sua filha adoptiva, que se aformoseava n'um meio repleto de saude e honestidade.

Da ama, a menina, que recebêra na pia o nome de *Ignez*, passou interna para uma casa de instrucção, e ahi, sob as vistas de habilitada educadora, fez os mais proveitosos estudos. Aos quinze annos, quando Góes retirou-a do collegio para fazer-lhe companhia, tinha ella, além de ser formosa e elegante, todos os dotes para uma excellente mãe de familia.

Góes no seu tirocinio de sacerdote tinha conquistado a sympathia dos superiores e a confiança dos amigos pela linha correcta de um procedimento copiado da mais austera virtude e lhaneza de trato. Não era conhecida injustiça alguma, feita a elle, que podesse justificar a amargura acentuada da sua physionomia extremamente sympathica; querido por todos, não lhe faltavam proventos do seu sacerdocio; todavia, nunca fôra visto entregar-se, de fórma a tornar-se notavel, aos gosos da mesa nem fazer-se ruidosamente alegre; o seu temperamento resentia-se de um character mystico e fidalgo.

Góes, tendo perdido os paes, julgando-se só no mundo, chamou para junto de si a filha adoptiva, afim de alegrar os seus velhos dias, como elle affirmava, e desmentia esse dito a robustez e fermosura de rosto que nem denunciavam os trinta e sete annos tidos por elle na epoca presente.

Ignez era a alegria, o encanto da pequena casa de Catumby; linda e espirituosa em extremo, ora fazia zangar, com as suas diabruras, Thomazia, a velha governante de Góes, ora alegrava a este com os



Phototypia J. Gutierrez.

DR. ALFREDO MADUREIRA

seus carinhos e seu riso argentino, ouvido a todo instante.

Havia dous annos que Ignez viera para casa, e desde esse tempo o padre parecia rejuvenescer, vivificado por um amor desgraçadamente louco e sem esperanças.

Debalde tentava elle nullificar a acção da carne, bradando em si despoticamente; quando o seu rosto se tornava feroz de cupidez, cerrava os olhos e compunha mentalmente uma expressão casta, mas d'ahi a pouco se allucinava de novo, e chispavam-lhe o desejo e o delirio nas orbitas accesas... Isto fazia com que ás vezes lhe dissesse Ignez :

—Meu pae, não me olhes assim que me fazes mal,—e baixava a vista medrosa, corada, arfando o peito, presa tambem de um impeto estranho, sofreado unicamente pelo seu pudor de donzella.

Tornava-se impossivel aquella convivencia, pois quando o seu pae adoptivo a osculava, não o fazia só na testa como outr'ora; phrenetico, dava-lhe muitos beijos nos cabellos, nas faces, nos labios... Empurrava-a depois, tremulo, nervoso, envergonhado...

Ella sentia-se oppressa n'esses momentos, sem forças, nem desejos sequer para fugir... Percebêra que amava Góes não como seu pae, não sabia como; coisa mysteriosa; fugia d'elle, mas, quando se achavam juntos, exultava, e extatica ouvia-o fallar em assumptos de igreja, echoando-lhe agradavelmente aquella voz sonora e bem timbrada...

Como era bello seu pae!...

Uma noite, na vespera do dia em que o padre Góes tinha de pregar no Sacramento, emquanto no gabinete de trabalho escrevia o sermão, Ignez, triste, acercou-se de Thomazia que era muito sua amiga, apezar dos gracejos, e expoz-lhe o facto.

A velha, experimentada pela idade e mesmo pela boa instrucção, conhecendo o perigo que corriam ambos, planeou logo a fuga.

Repugnava muito a Ignez tal solução; era, porém, forçoso acceital-a; assim lhe declarou a governante: que ella não quizera ouvir os seus conselhos, procurando um marido... Era lá muito bonito uma rapariga de dezeseite annos viver sob o mesmo tecto com um homem em toda a força da idade! A vizinhança não via aquillo com bons olhos; era arranjar a trouxa, que ella a levaria para casa de uma sua filha, moradora para os lados da Tijuca...

Ignez reflectio: podia ver quando quizesse o pae sem elle vel-a; era quanto lhe bastava; isto posto, entrando para o seu quarto, arranjou uma pequena trouxa para sahir de casa na madrugada proxima.

Antes de Góes sentar-se á mesa do chá e dar-lhe a bençã, ella escreveu o bilhete que nós já vimos em mão do prelado.

N'essa noite Ignez não dormio, sobresaltada, chorosa, orando continuamente; logo que principiou a amanhecer, Thomazia entrou em seu quarto e, achando-a acordada, ajudou-a a vestir-se, e ambas

pé ante pé sahiram de casa, correndo o trinco da porta da rua.

Ao levantar-se, Góes, depois do banho e primeiros aprestos para a sua *toilette*, deu pela falta da filha adoptiva e da governante.

Surprehendido correu toda a casa em busca das mulheres; afinal, vendo sobre a mesa de jantar o bilhete que o inteirava da resolução de Ignez, ficou allucinado e entregou-se ao desespero e á magua.

Interrompido pelo sacristão, encaminhou-se para a igreja onde vamos encontral-o ao pulpito, bello como sempre, a timbrar a sua voz em modulações sympathicas, commovendo a multidão em uma predica unvida de fé e de lagrimas.

Dissertava elle sobre os passos de Christo, sua paixão e o seu padecer na cruz, no meio dos relapsos, mergulhando o seu longo olhar de philosophia nos vermelhos olhos de sua mãe e de Magdalena, ainda com o resabro amargo do fel nos seus labios sem queixa.

Photographava a peccadora genuflexa, sorvendo o sangue gottejante das feridas do Redemptor nos seus louros cabellos, que scintillavam fulvos e dourados ao morno clarão do dia moribundo...

E orava: — Perdoae-lhes, Senhor, elles não sabem o que fazem! E o Nazareno clemente, resignado, a ouvir as chufas do populacho, sorria para os bons que pranteavam aos seus pés!

Góes, em busca de refrigerio ás maguas que lhe respadanavam no coração, soltava o espirito ao vôo do mystico... e, extactico, a gesticular largoe manso, pregava para o nicho sombriamente cerrado da Senhora da Conceição, elevando a vista para fital-a nos vidros multicores do tecto do templo, de onde coava a frouxa claridade da noite nascente...

O auditorio, lacrimajante, possuido da mais doce vibratibilidade, não suppunha o padre Góes heretico, agora que elle enveredava para os amores de Jesus e Magdalena...

Toda a gente, até, achava naturalissima a citação:

—Christo fôra tão magnanimo, d'alma tão cheia de carinhos para as crianças, tão desvelado para os enfermos e piedoso para os peccadores,— como não havia de amar!... Só não ama o máo, porque o seu coração é arido, e o amor é planta sensivel: só brota em terra bem cuidada...

Góes pregava ainda:

— Castas amantes de espinhosos amores, o Redemptor morreu para salvar a humanidade, assim como ainda hoje os sacerdotes suffocam o que dentro de si se alevanta de bello e de puro, para dar á humanidade o apparente exemplo de estoicismo; obrigados, porém, pela carne, vão clandestinamente entregar-se aos seus impetos, como criado medroso, devorando ao fundo da copa as iguarias do amo...

De novo se commoveu o pregador na sua predica repassada de amargura, e, quando elle desenrolou a veronica ao povo oppresso, ouviu-se, de envolta com o rumor das faces sopapadas pelas proprias mãos

dos feis, gritos estridentes percursores de ataques fortissimos de hystericas....

Terminára o sermão. O pregador, com a corôa coberta e aconchegado na sobrepeliz alvissima, desceu do pulpito e atravessou a nave por entre alas de feis, abertas custosamente pelos irmãos de tocha em punho.

Depois de reverente inclinar-se ante o altar-mór — onde de novo psalmodavam os padres confusamente—Góes, ao chegar á sacristia, teve o passo embargado por uma mulher sem véo, que em desalinho e em pranto se rojava aos seus pés, bradando :
— Meu pae ! meu pae ! perdoe-me...

Góes reconheceu Ignez, a sua pupilla, e, estreitando-a com força nos seus braços, beijou-a apaixonadamente...

Na multidão que acompanhára o pregador correu um murmuro de espanto e desagrado, e as devotas não tardaram a informar a toda a gente que aquella rapariga era amante do padre... Libertino!... Fazia pena, porque afinal elle era um pregador de mão cheia!...

Góes, sem odio, ouvindo o rumor provocado pelo incidente, sem largar Ignez, debulhada de pranto em seu peito, ergueu a voz tremula pela emoção :

— Que importa, se nos amamos ! Deus já me perdoou pelo muito soffrimento !... Meus irmãos, pela derradeira vez ouvistes o padre Góes ; o pregador e o homem da igreja será d'ora em diante o esposo e o homem do mundo ! O Eterno se amercie d'elle...

Góes allucinara-se, e, apezar dos esforços feitos por Ignez para libertar-se dos seus braços, elle a asphixiava, estreitando-a cada vez mais em um amplexo apaixonado e assassino...

Ignez, com as unhas roseas de suas mãos finas e aristocraticas, esgarçava as rendas das vestes do padre, procurando desvencilhar-se ; tudo debalde ; Góes, immovel, com um tom de desvairamento na physionomia transformada, virilmente formoso, continuava a apertar nos braços, entumecidos pelos musculos, o objecto de seu louco amor !

Parecia incrível ; os curiosos, atropellando-se na sacristia, não intervinham n'aquelle incidente d'outra fórma, senão com os seus commentarios ruidosos, sem perceber que Góes, delirante, sufocava nos braços o corpo esbelto da rapariga.

Ignez, roxa, sem ar, quasi morta, juntando um pouco de forças que lhe restára d'aquelle lucha titanica, soltou lascinante grito e pendeu desamparadamente para traz a cabeça congestionada.

Foi quando o povo comprehendeu o desatino de Góes, e furioso lançou-se sobre elle, arrebatando-lhe a victima fria e inanimada.

Góes, agredido, arrastado na onda que queria linchal-o, com escoriações na face e no corpo, bradava com a voz entrecortada pelas pancadas :

— O amor é um balsamo suavissimo para o coração do martyr !

E como Santo Estevam, era agora apedrejado na rua pelo rapazio...

A justiça, intervindo, arrancando das garras do povo o padre Góes, não pôde condemnal-o porque elle manifestava todos os symptomas de alienação mental.

Ha pouco, quando visitámos o hospicio, vimol-o em uma roda de companheiros de desgraça, trepado em um banco, discursando com gesto sobriamente largo, voz sonora e de modulações sympathicas :

— Meus amados irmãos, amae-vos uns aos outros ! O amor é o prisma da paz e da bemaventurança, pharol em mar largo, estrella em noite cerrada ! Christo amou, e muito, por isso padeceu... Sabeis dos amores do Nazareno ?...

A turba de allucinados, applaudindo alvarmente o orador, atirava-lhe punhados de areia, e elle, calmo, com um sorriso indefinivel nos labios seccos, espraiava a vista pelo auditorio, sem perceber os apodos...

ARINOS PIMENTEL.

94, Julho.

ACCORDE FINAL

Foi mesmo ao pé d'aquelle encruzilhada,
A' sombra doce dos folhudos ramos,
Que pela ultima vez te vi, amada,
E pela ultima vez beijos trocámos.

As mãos nas mãos um do outro descançámos
E a face de um de nós ficou pousada
Sobre a face do outro e, flor, passámos
Muitas horas assim sob a ramada.

Fugio o sol ; a procurar o ninho
Foram-se as aves, e a noite, que entrando
Vinha, veio inda achar-nos no caminho.

E astros e luar e até mesmo o rubor
Da aurora andaram do alto azul olhando
Nosso derradeiro extasi de amor.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará-Minas — 1894.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

Aproveitando-se de um intervallo em que não era fóra de proposito intervir, Lucio observou que Carrero não parecia o mesmo.

— Carrero ! Carrero !...—interrompeu lá de um extremo um individuo, que até o momento se havia dedicado a fazer uma côrte insistente, ingrata e escandalosa a uma perna de pato e uma garrafa de Bordéos.

Era um moço que inspirava confiança e sympathia, d'esses que delegam á physionomia todos os altos poderes de sua personalidade.

Vel-o era alegrar-se. Picara-lhe o rosto a variola negra, desenhando-lhe sem piedade nem clemencia, em alto relevo, um mappa geral de um dos hemispheros da lua, com os seus profundos valles e montanhas.

Este rapaz tinha a particularidade de acrescentar á sua fealdade um *monoculo*, o symbolo da impertinencia imbecil, a *virgula sceptica*, que assestava no concavo do olho direito, franzindo em rugas da face um sorriso soberbo e diabolico.

Foi o que succedeu, no momento em que Lucio observava e fazia notar aos amigos o silencio de Carrero.

O moço—o Quasimodo em quarta dynamisação—fincou o monoculo na posição habitual e voltou-se para verificar Os punhos cerravam o madeiro da meza.

— Sim ! Sim !—bem diz o Lucio : Carrero está triste ! Sim !...— e gargarejou um riso frenetico — e, se não me engano, sou capaz de adivinhar a razão de semelhante melancolia !... não ha de ser por effeitos da lua nova : estamos em quarto minguate.

E, desde logo—o Rozzo (de origem italiana)—assim se chamava—ergueu-se e principiou a dar-se a uns movimentos de quem procurava alguma coisa.

— Que buscas ?—interrogou um dos presentes, emquanto o coronel Herrera fazia côro com a gargalhada franca que despertava a representação d'aquella scena comica.

— Que procuras, ó Rozzo ?—bradavam outros...

— Não ha de ser a mim ! dizia por sua vez Carrero. Se confessas a minha melancolia, ha de confessar a minha existencia !

— *Cogito, ergo sum* !... concluiu Rozzo, sem se impacientar e continuando nas mesmas pesquisas.

— Finalmente ! Explica-nos este logogripho de uma só syllaba, que é o teu eterno monoculo.

— Um momento.—A causa da melancolia de Carrero tambem não foi o quarto minguate ; foi simplesmente um eclipse ! E total ! Eclipsou-se o Guilherms Tosti.

Rozzo deixou-se cahir na cadeira com toda a gravidade, em meio de novo silencio.

Com effeito, o logar, que occupava o coronel Herrera, era o que de antemão havia sido designado para Lucio, e o que fôra depois servir de abrigo ao autor da comedia, era o mesmo que daria occasião a Guilherme Tosti de alistar-se ao grupo dos convivas.

Isto é, Lucio estava no mesmo logar que occuparia o seu inimigo, o promotor da ridicula pateada, se houvesse comparecido.

Então, Carrero fez um gesto que todos comprehenderam. Queria fallar. O piano deixava ainda ouvir um *romance* sem palavras.

— Não me recordo quem foi— principiou Carrero—mas um de nós, no dia de hontem, aqui mesmo na *Confeitaria*, á hora em que tratamos ser justos com o trabalho de Lucio, dizia, contando o numero das pessoas presentes : O numero é fatidico !... Não haverá por aqui nenhum Judas ?

— E' verdade !— atalhou um, reclamando a autoria da phrase.

— Pois bem !— continuou Carrero— esse Judas existe, e chama-se Guilherme Tosti.

— Está recommendado aos amigos !

— Tosti foi duplamente miseravel, porque abusou da confiança e do nosso segredo, e porque vendeu a sua consciencia aos caprichos de uma mulher !

— Isto é que é logogripho !— protestou Rozzo.

— Respitemos o nome da ingrata e vamos á narrativa : Quando rompeu no *paraizo* aquella manifestação de desagrado, retirei-me da plateia. Comprei ás pressas um bilhete e subi. Um marinheiro inglez já lá estava no corredor a applicar a corrigenda a dous napolitanos. Deixei-lhe um e exigi a entrega do outro.— Vamos a saber,—lhe disse— quem te pagou este serviço ?— O senhor Guilherme Tosti— Conheces esse individuo ?— perguntei ainda.— Perfeitamente,— respondeu— porque desempenhei tarefas de conducção de cargas, por muito tempo, na casa commercial do velho Tosti.— Pagou-te ?— Pagou, mas ainda assim miseravelmente.— O que prova que és ainda mais miseravel do que o preço pelo qual te vendeste. E deixei-o em paz. Sabia o que queria. Desci. Ao chegar ao atrio do theatro, dou com um individuo que se estorcia n'um desesperado movimento de quem quer vestir um *sobretudo*. E quem havia de ser ?— Guilherme. Não desci, voei ! Sorpreendi-o ! Cortei-lhe a palavra com um abalo formidavel que lhe imprimi ao corpo. Estes dous pulsos fizeram o resto,— e Carrero mostrou uns pulsos musculosos e magros, e nos quaes parecia adivinharem-se as palpitações da força— chamei-o para o corredor da esquerda, que todos conhecemos, e ao tremor que o agitava, respondi ameaçando-o com a eloquencia do meu *Benedicto* !

Carrero sorriu e apresentou á sociedade o seu inseparavel *Benedicto*, um revolver norte-americano, um *tira-teimas* yankée.

A apresentação foi bem recebida. O *Benedicto* desapareceu entre aclamações sympathicas.

— O teu *Benedicto* !— dizia Rozzo— ainda ha de ser um *dictador* !

Devêras !— continuou. E, como todos os cobardes, Guilherme Tosti empallideceu. Tomou a coisa ao sério, não se capacitou de que já se foram esses tempos de romance, em que *por dá cá aquella palha* exhibia a gente todo o seu arsenal de armas. Garanto-lhes que o *Benedicto* é o objecto mais inoffensivo deste planeta subllunar.

Ainda bem não lhe tinha ferido a vista a eloquencia *muda* do meu inseparavel, e já Tosti me cuspiu—sim, porque esse é o verdadeiro termo—ás faces o nome de Carmen

— Carmen? — interrogaram varias vozes, em tom admirativo.

Carrero fitou em Lucio um olhar supplicante. Havia-lhe passado indiscretamente pela imaginação o nome d'essa moça, e recitara-o, esquecendo que podia ferir o amor proprio de Lucio, ao mesmo tempo que denunciava o nome de um ente que, na opinião do amigo, devia evitar pronunciar-o, em meio de uma roda de rapazes, pouco generosa para não dar titulo de ridiculo a tudo quanto vem do lado sentimental da existencia.

Lucio sentio afognearem-se-lhe as faces. Foi a primeira vez que a ponta aguda do desespero esto-cou-lhe o amor proprio. Guilherme Tosti teria a recompensa do seu trabalho? Não seria esta o amor de Carmen?

Sentia-se forte para não se humilhar. Pouco se lhe daria a velleidade da moça.

Desesperava-o, porém, a lembrança de que todos aquelles convivas, que ignoravam os antecedentes do caso, não o dessem, a elle, intelligente, applaudido, por vencido — e, demais, vencido por um individuo de pouca tempera, ou, para melhor dizer, de nenhuma. Quando por vezes vinha a proposito fallar-se de Guilherme, a alcunha que tinham mais em labios era deprimente e irrisoria:

— Ora o Guilherme! — diziam uns com ares de escarneo!...

— E' um *turco*! diziam ainda outros, ás gargalhadas desabridas.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

O JACOBINO

Appareceu, e ganhou fama!
Abre-o, leitor, e logo vês
Que elle é fiel ao seu programma
De fazer guerra ao portuguez!

GAVROCHE.

THEATROS

(NOTAS A LAPIS)

O ultimo espectáculo da companhia lyrica terminou por uma tremenda pateada á orchestra e ao tenor De Marchi.

A' orchestra, porque, sendo o espectáculo em beneficio da prima-dona Gabbi, os Srs. musicos — excepção feita do regente Podesti — exigiram 2:500\$ adiantados; ao tenor De Marchi por ser accusado como o promotor ostensivo d'esse inqualificavel procedimento da orchestra. O insigne artista defendeu-se dessa accusação.

Valha-os Deus! porque não foram correctos até o fim?

*

Estreiou-se no Lucinda uma nova companhia de operetas, com o *Tim tim por tim tim*, de Sousa Bastos.

*

Reappareceram os *Sinos de Corneville*, tanto no Sant'Anna como no Variedades... Não lhes parece muitos *Sinos de Corneville*?

*

Continúa a fazer *successo* no Apollo a revista *Vovó*, de Moreira Sampaio e Vicente Reis.

*

A companhia Modena despedio-se do publico fluminense com o *Mestre de Forjas*, de Ohnet, e lá se foi para Juiz de Fóra.

*

Estreiou-se no S. Pedro a grande companhia equestre dirigida pelo famoso Frank Brown. E' uma das melhores que cá têm vindo.

*

Em ensaios:

Recreio: o *Mundo da lua*; Apollo: o *Rapaz de saias*; Sant'Anna: *Surcouf*; Variedades: o *Diabo coxo*.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.